

ANAMARIA FERREIRA
MOTTA RAMOS *

A educação, em seu aspecto mais amplo, tem sido motivo de preocupação de governantes, psicólogos, pais e professores, uma vez que é um dos mais importantes alicerces para a formação, existência e sobrevivência de uma sociedade organizada e cuja escala de valores esteja voltada para o bem comum.

Como professora e orientadora de turma, exercendo principalmente a função de educadora, e através da convivência de mais de 20 anos com adolescentes e jovens de diversas faixas etárias, foi possível obter elementos de análise para uma reflexão do papel dos pais e da família na educação do ser humano, uma vez que a família é o referencial básico e ponto de partida para a vida em sociedade e para a qualidade da mesma.

A partir dessa análise, existem dois pontos a considerar: — De um lado, o jovem, confuso diante da idéia de valores e compromisso que os pais procuram transmitir e de valores e “descompromisso” da sociedade atual vistos através dos meios de comunicação. — De outro lado, os pais, atônitos, preocupados, sem saber como agir, diante da transição radical de uma educação

altamente repressora (como historicamente foi a nossa, em décadas anteriores), para a demasiadamente permissiva e, por vezes, incoerente dos dias atuais.

Educar, então, torna-se tarefa mais ampla, na qual os pais têm que agir, sobretudo, como orientadores e amigos de seus filhos, buscando um caminho que possibilite um verdadeiro canal de comunicação com a família.

Essa consciência é de fundamental importância para que os pais possam atuar na educação dos seus filhos, em sua formação e aquisição de valores humanos, éticos e religiosos. Mas, como agir? O que fazer ante tantas incertezas e de tão grande responsabilidade? A experiência de estar diariamente em contato com adolescentes e, ao longo dos anos, conversando, observando, interagindo, aprendendo com eles e orientando seu aprendizado possibilitou o levantamento de alguns dados sobre os quais vale refletir e que podem ser instrumento de auxílio para os pais em sua tarefa de educar.

1 — Que se tenha consciência de que só transmite valores como senso de justiça, responsabilidade e honestidade quem realmente age dentro desses princípios, sendo pre-

A pedagogia do carinho

ciso que se saiba que os pais educam também, e, principalmente, através do exemplo, observando, assim, a necessidade de coerência entre o discurso e a prática na vida diária.

2 — Que nunca se compare, exponha ou ridicularize um filho, porque ele perde a auto-estima.

3 — Que os pais demonstrem a sua afetividade e seu amor pelos filhos — somente um adolescente amado e respeitado tem condições de se tornar um adulto equilibrado. Pagar colégio e dar alimentação não significa *amar*. É obrigação. O amor exige o contato físico, o abraço, o beijo, o afago. Um pai, ao beijar e abraçar um filho homem, não estará fazendo dele um maricas, mas fornecendo uma importante reserva afetiva e ajudando a forjar um adulto menos carente, mais capaz e mais forte.

4 — Que se respeite o choro e se faça sagrado o direito de expressão. Que se permita que os filhos homens chorem. O dito popular que diz que “homem não chora” demonstra insensibilidade, desrespeito e, além de fazer com que o adolescente reprima sentimentos sérios, prepara futuros enfartados. (O choro, bem como o riso, são manifesta-

ções da emoção. São necessários e importantes. A ausência de um dos dois deve ser motivo de preocupação.)

5 — Que se aprenda a reconhecer que, apesar dos esforços, nem sempre os resultados obtidos pelos filhos em seus empreendimentos são brilhantes ou idênticos aos dos irmãos. Se uma nota seis é obtida através de grandes esforços, é preciso que seja valorizada e que se veja nela todo o empenho em sua consecução. Esta atitude não significa mediatizar o adolescente, mas valorizar em cada filho aquilo que realmente ele pode concretizar. Nem todos são “bons” em Ciências, História ou Matemática. Em compensação, gostam de cozinhar, de esportes, de trabalhar com eletricidade, aparelhagem de som etc. A Universidade não é o caminho da felicidade. O sonho da classe média de ter filhos formados em faculdade é falso e inconsistente. As profissões de nível médio podem, também, possibilitar boa remuneração e realização profissional e humana.

6 — Que a presença dos pais seja mais qualitativa do que quantitativa e que haja disponibilidade para ouvir o jovem. Mas ouvir de verdade, levando a sério suas idéias e

problemas, respondendo e opinando se for o caso.

7 — Que nunca se minta para o adolescente a respeito de nada. O uso da honestidade e da franqueza é básico para que a família aja como orientadora e formadora de valores sólidos, poque somente o esclarecimento completo e sadio do jovem, feito de forma direta e franca, poderá situá-lo diante da vida.

8 — Orientar uma criança ou um adolescente é uma tarefa extremamente difícil, que exige disponibilidade, desprendimento, energia e paciência. E o que é mais difícil: exige que se saiba separar o joio do trigo, isto é, que se saiba como agir no momento certo. Tarefa árdua! Ardua, mas possível! Punir um adolescente no estrito sentido da palavra é inútil. Orientar, conversar e ensinar, mostrando ao adolescente a causa do “castigo”, é a atitude correta.

9 — Que se mostre ao adolescente que, se ele tem direitos, tem também deveres na mesma medida; que cada um cumpre um papel na sociedade e que o dele é de estudante, filho, irmão, amigo e que sua parcela de responsabilidade é tão grande quanto sua gama de direitos.

10 — Que nunca seja usado con-

tra o adolescente algum erro cometido anteriormente por ele. O sentimento de culpa torna as pessoas frágeis e inseguras, levando-as a mentirem para evitar problemas. Educar é tarefa que exige equilíbrio, bom senso e amor. Difícil, mas não impossível. É preciso, também, que se reflita sobre o uso adequado da autoridade e sobre a agressão física. Esta só destrói, confunde e humilha o adolescente que apanha, sem poder reagir, de uma pessoa maior e mais forte do que ele. A punição, quando necessária, deve vir após um sério diálogo e em forma de sanções, de limitações e restrições na liberdade ou na execução de tarefas. Nunca através da agressão física, que é o nome verdadeiro daquilo que os antigos chamavam de “uma boa surra” e que contribuiu na formação de gerações ansiosas, inseguras e mentirosas.

11 — E, finalmente, que se depreenda que, somente no amor e no respeito humano, em seus maiores e mais amplos sentidos, estão as bases da verdadeira educação e, conseqüentemente, de uma sociedade mais feliz.

* Socióloga, professora no Instituto Abel, de Niterói